

Pinotti prevê falência do sistema

Terça-Feira, 31/10/89

de saúde

São Paulo — O secretário de Saúde do Estado de São Paulo, José Aristodemo Pinotti, prevê para breve a falência total do sistema de saúde no País, caso o Ministério da Previdência continue a pagar aos hospitais conveniados e a repassar verbas para os Estados com 90 dias de atraso. "Se não houver sensibilidade por parte do Governo Federal, o sistema de saúde pode entrar em colapso em alguns dias, algumas semanas", diz Pinotti, que hoje estará em Brasília para uma audiência com o ministro da Previdência, Jader Barbalho, com quem já conversou sobre o problema mais de uma vez, sem que surgisse uma solução.

Pinotti diz que está solidário com os hospitais em sua reivindicação de correção dos valores pagos por seus serviços e prazo menor de

pagamento. "Os hospitais fecham porque não têm condições de continuar abertos", constata particularmente preocupado com os hospitais filantrópicos. Pinotti exibiu um telex recebido por sua secretaria, ontem, informando que 22 desses estabelecimentos do interior do Estado haviam interrompido o atendimento à população. "Estão no seu último suspiro de sobrevivência", comentou Pinotti.

O quadro para o setor público, segundo o secretário da Saúde de São Paulo, é ainda mais negro. "Os hospitais privados tiveram reajustes que variam de 400% até 500%. Na área pública não houve aumento nenhum", informa, reivindicando "pelo menos o equilíbrio com a inflação". Segundo o secretário, foi autorizada pelo Congresso uma correção de 95% nas verbas recebi-

das pelo setor público. "É um aumento ridiculamente pequeno", queixa-se. Segundo ele, a verba recebida do Ministério da Previdência está estagnada em NCz\$ 24 milhões desde janeiro, enquanto as despesas mensais giram em torno de NCz\$ 130 milhões.

Manobras

A situação está sendo contornada, até o momento, com o que Pinotti chama de "manobras de economia de recursos". Consultas simples, por exemplo, deixaram de ser pagas ao setor privado. "Acabamos com a ociosidade nos postos de saúde", informa Pinotti. Apesar de sua solidariedade aos hospitais particulares, o secretário afirma que se houver paralisação no atendimento em hospitais "essenciais", a secretaria vai intervir. Pinotti garante que, apesar da situação

ser crítica também na área pública, o Estado tem meios de contornar o problema para operar esses hospitais.

O secretário afirmou ainda: "Estamos no limite. Não dá mais". Pinotti lembra que as prefeituras aumentaram seus investimentos para o custeio de saúde de 2%, em média, para 13% de seu orçamento. O governo Estadual suplementou suas verbas em 2%, saltando de 5% para 7% — o equivalente a quase NCz\$ 2 bilhões em janeiro. "Para não deixar de pagar os fornecedores do Estado. Estou disposto a qualquer coisa".

Apesar de ter certeza de que o ministro Jader Barbalho acatará os seus argumentos, Pinotti admite que não é fácil sensibilizar um governo que tem apenas mais cinco meses de vida.